

## Caetano e Gilberto

Tenho sobre a mesa o programa do show de Caetano Veloso e Gilberto Gil, realizado a 20 e 21 de julho no Teatro Castro Alves, em Salvador, Bahia. Desse documento simples, igual a todos os outros que o espectador compra ao entrar no teatro, desprende-se uma espécie de melancolia.

Caetano e Gil surgiram na cena musical com o ímpeto de verdadeiros revolucionários. Empurraram a música popular para os novos sons eletrônicos, enquanto produziam poemas de vanguarda, tanto no conteúdo quanto na forma. Com o tropicalismo, inocularam nessa produção uma nova espécie de humor, e finalmente romperam a fronteira da língua, escrevendo tanto em português quanto em espanhol e em inglês.

O curioso é que nessa decidida abertura para o mercado internacional, nada perderam em originalidade. Jorge Amado, que estava no Teatro Castro Alves na noite de 21 de julho, declarou à revista *Veja*: "Estou comovido. Isso parece extremamente sofisticado, mas não é. Tudo que eles fazem tem profundas raízes baianas, E minha comoção se manifesta na barriga. É como se eu sentisse um nó nas tripas." Ao mesmo tempo, o poeta Augusto de Campos dizia: "Esses baianos estão cada vez mais interplanetários."

Interplanetários e baianos...Europa, Lua e Bahia...É justamente isso que caracteriza Caetano e Gil: tem eles uma curiosidade insaciável, uma falta de pudor cujo nome verdadeiro é generosidade. Suas afinidades são heterogêneas, eles se declaram iguais a João Gilberto, Roberto Carlos, Jorge Bem, Bod Dylan. Aparecem ao lado do Chacrinha e dos Mutantes, e em seguida vão apreciar a pintura de Rubens Gerchman.

Falei numa certa melancolia. Circunstancias não artísticas interromperam a carreira desses dois artistas, há sete meses. De volta à terra natal, eles ficaram calados. Sabia-se que estavam produzindo. Mas havia o temor generalizado de que, ao regressar, nos aparecessem desfigurados. A resposta popular a esse silêncio prematuro e dramático foi a ascensão irresistível de Gal Costa, musa de Gil e Caetano.

Depois, ficou decidido que viajariam a Europa, onde estarão por tempo indeterminado. Isto é prejudicial, pois já não será possível acompanhar a experiência enquanto ela se realiza diante de nós.

O programa do Teatro Castro Alves apresenta em primeiro lugar um texto de Caetano Veloso, intitulado *Barco Vazio*. Alguns Trechos:

"Há muitos de muitos anos que não há nada a dizer. Ninguém é profeta fora da sua terra. Bob Dylan. Ninguém. A doce música brasileira com turbinas a jatopropulsão, nada mais. Não há proposta, nem procela. Ninguém. O gênio é uma longa besteira: eu quero a geral. Há o enigma e a falta de paciência para decifra-lo, no momento. Oportunamente apresentaremos algo para vocês algo mais...mais...mais...mais...mais...sei lá...algo mais divertido – disse o palhaço vaiado. Assim esperamos – disse a platéia, já agora morrendo de rir. O grande sucesso do palhaço. Esta e outras histórias não serão contadas agora porque não há tempo. Viva a rapaziada. Não há tempo para lengalengas. Pepeu, pegue sua guitarra e toque! Tristes tropeços, trastes típicos, tristes tópicos, antigos trocadilhos. Viva a música. Viva Alice e a carne-de-sol com pirão de sorte e bom humor. Viva o Esporte Clube Bahia. Mais um: viva as inúteis conquistas da linguagem, ADEUS."

Nas duas últimas frases julguei descobrir uma ressonância rimbaudiana.

José Carlos Oliveira